

Demográfica dos povos indígenas: Karajá, Javaé e Xambioá, no rio Araguaia, Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará

1. Marcos Clodoaldo Morais Garcia, Mestre em Ciências do Ambiente - Docente da UEG, mcmg2002@ibest.com.br; 2. Giovanni Salera Jr, Mestre em Ciências do Ambiente - Fiscal do NATURATINS, salerajunior@yahoo.com.br

RESUMO

Os índios Karajá habitam a extensa região do vale do rio Araguaia, nos Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, com maior número de aldeias localizadas na ilha do Bananal. Os Karajá pertencem ao tronco lingüístico Macro-Jê e dividem-se em três subgrupos: os Javaé, os Xambioá e os Karajá propriamente ditos. Na longa convivência com a sociedade nacional, a dinâmica demográfica do povo Karajá passou por inúmeras e complexas transformações. Esse trabalho apresenta uma análise de dados demográficos do povo Karajá. Os dados foram obtidos em diversas instituições, tais como: FUNAI (Fundação Nacional do Índio), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), CIMI (Conselho Indigenista Missionário), ISA (Instituto Socioambiental), e também de levantamento bibliográfico em revistas especializadas e trabalhos acadêmicos. Desde os primeiros registros que datam do final do século XVIII até os dados coletados em décadas mais recentes, podemos verificar que ocorreu uma intensa depopulação desse grupo. Uma adequada compreensão da dinâmica populacional do povo Karajá só é possível com uma profunda análise dos seus processos internos, que sem dúvida estão, em maior ou menor intensidade, ligados ao contexto social regional e nacional.

Palavras-chave: Karajá, Javaé, Xambioá.

INTRODUÇÃO

Os índios Karajá habitam a extensa região do vale do rio Araguaia, nos Estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará. Eles pertencem ao tronco lingüístico Macro-Jê e dividem-se em três subgrupos: os Javaé, os Xambioá e os Karajá propriamente ditos (SALERA JÚNIOR, 2005).

As aldeias dos subgrupos Karajá e Xambioá estão às margens do Araguaia; as dos Javaé ficam às margens do rio Javaés, um braço menor do Araguaia que contorna a parte leste da ilha do Bananal, no Tocantins. Apesar da distância geográfica entre as aldeias dos três subgrupos, eles são considerados um só povo, pois têm os mesmos valores e costumes, e a mesma língua (SALERA JÚNIOR, 2006).

As boas condições de navegabilidade do rio Araguaia facilitaram, já no final do século XVII e início do século seguinte, o contato com segmentos da sociedade não indígena: jesuítas e bandeirantes. O contato se acentua em meados do século XIX com a abertura de uma linha de navegação a vapor no rio Araguaia, pelo general Couto de Magalhães, que funcionou por quase vinte anos (BARUZZI & PAGLIARO, 2002).

Nessa longa convivência com a sociedade nacional, a dinâmica demográfica do povo Karajá passou por inúmeras e complexas transformações. Foram observados processos migratórios entre

os três subgrupos; recebimento de indígenas e não-indígenas vindos de diversas localidades, surgimento de novas aldeias, que se deu a partir da divisão e/ou fusão de outros núcleos (TORAL, 2002).

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar uma avaliação de um conjunto de dados demográficos do povo indígena Karajá.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado entre janeiro e agosto de 2006, a partir de consultas às diversas instituições ligadas ao povo indígena Karajá, tais como: FUNAI (Fundação Nacional do Índio), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), CIMI (Conselho Indigenista Missionário), ISA (Instituto Socioambiental) e CTI (Centro de Trabalho Indigenista). A obtenção das informações nas instituições citadas se deu, em alguns casos, na visita direta às suas unidades administrativas (escritórios locais, agências, superintendências regionais etc), e, em outros, na consulta aos seus respectivos sites na internet.

Para complementação e análise dos dados obtidos foi realizado um levantamento bibliográfico em revistas especializadas e trabalhos acadêmicos.

REVISÃO DE LITERATURA

O ressurgimento de grupos declarados extintos faz parte da História recente do movimento indígena no Brasil (SILVA, 2004). Esse processo de emergência histórica de um povo que se auto define em relação a uma herança étnica, a partir da reelaboração de símbolos e de tradições culturais, põe em conflito diferentes opiniões e interesses, desde as dos antropólogos e indigenistas, até as da sociedade civil organizada e de suas diversas instituições afins (OLIVEIRA, 1999).

Nos últimos 30 anos, diversos povos indígenas ressurgiram, como os Pitaguary no Ceará; os Tumbulalá e os Pipipã em Pernambuco; os Tupinambá na Bahia; os Kalancó, os Karuzu, os Catókin e os Koiupanká em Alagoas (SILVA, 2004); os Kaxixó em Minas Gerais; os Guató em Mato Grosso; os Tapuia em Goiás e os Náua no Acre (CIMI, 2001).

Apesar do Estado do Tocantins possuir representantes de diversas etnias distribuídas em diferentes áreas e municípios (SALERA JÚNIOR, 2005), ainda são escassos os trabalhos demográficos avaliando o tamanho e a dinâmica das populações, a distribuição e condições de vida desses grupos (IBGE, 2005).

Censos e sondagens são úteis para situar demograficamente os povos indígenas no contexto sócio-político nacional contemporâneo, como também têm a potencialidade de lançar luzes sobre a trajetória histórica dessas sociedades ao longo do processo de interação com a sociedade envolvente (SOUZA; SANTOS, 2001).

Esse trabalho busca avaliar uma série de dados demográficos sobre os diversos grupos indígenas contemporâneos das margens do Rio Araguaia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela I agrupa os dados da população e número de aldeias dos três subgrupos de língua Karajá, possibilitando uma análise do histórico da sua dinâmica populacional.

População e nº de aldeias				Data	Fonte
Karajá	Javaé	Xambioá	Total		
-	-	-	7 a 8 mil	1775	Fonseca (1920)
815	800 a 1000 (3 a 5)	-	-	1908	Krause (1908)
795	± 650	60 (1)	± 1505	1939-40	Lipkind (1948), Toral (1992)*
500 a 1.000	250 a 500	-	-	1957	Ribeiro (1957)*
-	-	40 (1)	-	1959	Toral (1992)*
1.406	-	-	-	1980	Toral (1992)
-	-	102 (1)	-	1982	Toral (1992)*
-	-	135 (1)	-	1987	Maia (1987)*
1.588 (8)	641 (4)	-	2400	1989-90	Toral (1992)*
-	740 (5)	-	-	1993	Rodrigues (1993)*
1.900	750 (5)	250 (2)	2.900	1995	ISA (2000)*
± 1.500 (8)	± 841 (6)	202 (2)	± 2.543 (16)	1997	Braggio (1997)
1.804	919	185 (2)	2.908	2000	ISA (2000)*
2.230	-	-	-	2002	Baruzzi & Pagliaro (2002)*
-	-	235 (2)	-	2003	Franklim (2004)*
± 2.500 (14)	± 1.040 (11)	± 230 (3)	± 3.770 (28)	2004	Salera Júnior (2005, 2006)*

* informações complementares aos dados disponíveis em ISA (2006).

Nessa Tabela, podemos observar que, apesar das inúmeras lacunas em branco, há uma depopulação entre os primeiros registros que datam do final XVIII até os dados coletados em décadas mais recentes. Essa redução populacional se deve, principalmente, às epidemias adquiridas no contato com os colonizadores e também aos inúmeros conflitos nas tentativas de escravização e ocupação de suas terras.

È na segunda metade do século XX que a população Karajá volta a crescer. Esse crescimento verificado, especialmente, nas últimas 2 décadas é fato também notado entre vários outros grupos indígenas do Tocantins e do Brasil (IBGE, 2005; SANTOS ; PEREIRA, 2005).

Poucos autores apresentaram, em um mesmo trabalho, dados demográficos para os três subgrupos que compõem a etnia Karajá. Só a partir de 1980-90 é que os antropólogos e demais instituições envolvidas passaram a apresentar informações mais detalhadas sobre esse povo. Entre os trabalhos recentes e mais abrangentes realizados, podemos citar o do antropólogo (TORAL, 1992) que reuniu e analisou uma série de dados históricos dos três subgrupos, possibilitando uma melhor compreensão do seu contato com a sociedade envolvente e conseqüentemente da sua dinâmica populacional.

Dentro do contexto da dinâmica populacional do povo Karajá, devemos ressaltar dois importantes aspectos: a migração externa e interna e o surgimento de novas aldeias.

Segundo LIMA FILHO (1994), a migração externa entre o subgrupo Karajá era praticamente inexistente, mas a migração interna ocorria com relativa frequência com o grupo familiar deixando uma aldeia para ingressar em outra devido aos desentendimentos e conflitos causados pelo alcoolismo, ou por outras causas.

A migração interna pode se dar em busca de aldeias próximas aos centros urbanos ou para aquelas que apresentam uma melhor infra-estrutura, tais como: vias de acesso pavimentadas, escolas, postos da FUNAI, postos de saúde, presença de missões religiosas etc.

Entre os subgrupos Karajá e Javaé, a migração interna explica o crescimento populacional desigual entre as aldeias. Em 2002, o subgrupo Karajá tinha 2230 indivíduos, dos quais 1031 (49%) habitavam as aldeias Santa Isabel do Morro e Fontoura. (BARUZZI; PAGLIARO, 2002). Em 1993, os Javaé eram 740 indivíduos, dos quais 500 (67,56%) habitavam a aldeia Canoanã (RODRIGUES, 1993). Deve-se ressaltar que na década passada essas aldeias eram algumas dentre as poucas que contavam com a presença de Postos da FUNAI, escolas e presença de missionários. Atualmente, grande parte das aldeias tem escolas de ensino fundamental bilíngüe e contam com assistência contínua da FUNAI e FUNASA (Fundação Nacional de Saúde).

O surgimento de novas aldeias pode se dar a partir de conflitos numa comunidade, com parte dela se retirando para formar um novo núcleo; ou também, pela necessidade de subsistência do grupo que busca novos locais para caça e pesca e novas áreas para a implantação das roças; ou ainda, com fins de ocupação e proteção de suas terras, especialmente das áreas limítrofes.

O subgrupo Xambioá, após passar por um intenso processo de desestruturação social (TORAL, 1992), volta a apresentar sinais de crescimento, tendo atualmente três aldeias, Kurehê, Xambioá e Wari Lyty (FRANKLIM, 2004; SOUZA, 2005). Esse processo de retomada do crescimento é semelhante ao observado para os outros dois subgrupos, o Karajá e o Javaé, da Ilha do Bananal.

Uma adequada compreensão da dinâmica populacional do povo Karajá só é possível com uma profunda análise de seus processos internos, que sem dúvida estão, em maior ou menor intensidade, ligados ao contexto social regional e nacional.

Através da ampliação e maior detalhamento de estudos enfocando o povo indígena Karajá, nós poderemos ter uma melhor compreensão da sua dinâmica populacional, o que certamente auxiliará no aprimoramento das ações e trabalhos direcionados a esse grupo, podendo proporcionar uma minimização dos conflitos e influencias negativos no seu contato com a sociedade envolvente.

CONCLUSÕES

Diferentemente do observado em décadas anteriores, atualmente pode ser verificado que há entre os três subgrupos Karajá uma relativa migração externa para os centros urbanos, especialmente dos jovens que buscam ingressar em escolas de ensino médio e em universidades públicas, que recentemente apresentam cotas para essa parcela da população.

Foi observado que no decorrer do aumento populacional desse grupo há também um aumento do número de aldeias. Elas eram 16, em 1997, e são atualmente 28 – um crescimento significativo em menos de uma década.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARUZZI, R.G.; PAGLIARO, H. Os Índios Karajá das Aldeias de Santa Isabel do Morro e Fontoura, Ilha do Bananal: dados populacionais dos anos de 1969 e 2002. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. 2002.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário. Outros 500: construindo uma nova história. São Paulo (SP): Editora Salesiana. 256p. 2001.

FRANKLIM, W.G. Irahu Mahadu: Aspectos Socioeconômicos da etnia Karajá – Xambioá do norte do Estado do Tocantins. Porto Nacional, Fundação Universidade Federal do Tocantins (Monografia em Geografia, Fundação Universidade Federal do Tocantins). 62p. 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000. 2005.

ISA. Povos Indígenas no Brasil 1996/2000. (Carlos Alberto Ricardo, org). São Paulo, Instituto Socioambiental. 2000.

ISA. Povos Indígenas no Brasil. Socioambiental. 2006.

LIMA FILHO, M.F. Heterokty um rito Karajá. Goiânia, Editora UCG. 180 p. 1994.

MAIA, M.A.R. Relatório de visita ao Posto Indígena Xambioá. Manuscrito. 1987.

MELATTI, J.C. Crescimento populacional. Brasil Indígena, FUNAI, ano I, 1: 24-25. 1999.

OLIVEIRA, J.P. A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro (RJ): Contra Capa Livraria. 1999

RIBEIRO, D. Culturas e línguas indígenas do Brasil. Educação e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 2 (6): 5-102. 1957.

RODRIGUES, P.M. O povo do Meio: tempo, cosmo e gênero entre os Javaé da ilha do Bananal. Brasília, Universidade de Brasília. (Dissertação de Mestrado em Antropologia – Universidade de Brasília). 1993.

SALERA JÚNIOR, G. Avaliação da biologia reprodutiva, predação natural e importância social em quelônios com ocorrência na bacia do Araguaia. Palmas - TO. (Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente – UFT). 191p. 2005.

SALERA JÚNIOR, G. MALVASIO, A.; GIRALDIN, O. Relações cordiais. Ciência Hoje, 39 (226): 61-63. 2006.

Revista Mirante – Núcleo Geográfico de Aulas de Campo / Universidade Estadual de Goiás. Pires do Rio – GO: NUGAC / UEG, n. 5, 2008. ISSN 1981-4089.

SANTOS, R.V.; PEREIRA, N.O.M. Os indígenas nos censos nacionais no Brasil. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro (RJ), 21 (6): 1626-1627. 2005.

SILVA, E. Povos indígenas no Nordeste: Contribuição a reflexão histórica sobre o processo de emergência étnica. MNEME – Revista de Humanidades. UFRN – Ceres. 2004.

SOUZA, K.T. Karajá – Xambioá. Borduna - Informativo. CIMI GO/TO, 2: 1. 2005.

SOUZA, L. G.; SANTOS, R. V. Perfil demográfico da população indígena Xavante de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997). Brasil. 2001.

TORAL, A.A. Cosmologia e sociedade Karajá. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado em Antropologia – UFRJ). 1992.

TORAL, A.A. Diagnóstico socioambiental – Avaliação para implantação de ações de apoio junto às comunidades Javaé e Karajá da Ilha do Bananal (TO). Palmas. Instituto Ecológica. 62p. 2002.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível com o apoio recebido da FUNAI, do CIMI, do NATURATINS e da UFT.

Revista Mirante – Núcleo Geográfico de Aulas de Campo / Universidade Estadual de Goiás. Pires do Rio – GO: NUGAC / UEG, n. 5, 2008. ISSN 1981-4089.